

REUNIÃO PERIÓDICA DO FÓRUM POPULAR DE SAÚDE – PARANÁ (FOPS-PR)

Realizada em 23 de abril de 2008, no auditório do SindSaúde (rua Mal. Deodoro, 314, 8. andar – Curitiba, Paraná – Tel.: (41) 3322-0921), entre 19:00h e 21:50h

PAUTA: Apresentação do tema “Saúde do Trabalhador”, sua discussão e encaminhamentos do FOPS em relação ao tema; encaminhamentos relacionados ao seminário do Fórum Sul; afastamento do servidor técnico Bernardo Luiz Seixas Pilotto da central de agendamentos do Hospital de Clínicas da Universidade Federal do Paraná (HC-UFPR).

RELATOR: Prentici Rosa da Silva (haosokoken@yahoo.com.br).

PRESENTES: Bernardo, Eloísa, Cássia, Diana, Letícia, Lucas, Marcos, Regina, Sasá, Sueli. (os nomes completos de todos e suas respectivas entidades podem ser consultados na lista de presença da reunião, presente nos arquivos do FOPS-PR na sede do SindSaúde).

1) DISCUSSÃO DO TEMA “SAÚDE DO TRABALHADOR”.

Apresentação introdutória e mediação: Marcos Armando Pereira (marcosarmandoper@uol.com.br)

SÍNTESE DA APRESENTAÇÃO INTRODUTÓRIA:

- A Saúde do Trabalhador (ST) não é um recorte da área da saúde; encará-la como um recorte é uma visão conservadora, e sim é a área global da saúde que tem como preceito o diagnóstico e análise dos determinantes sociais e históricos da saúde e da doença;
- Sociedade de classes: a capacidade dos indivíduos de responder as adversidades, na sociedade capitalista, é desigual. Numa sociedade pautada pela exploração, a saúde do trabalhador não constitui recorte, e sim um novo paradigma de encarar e conceber saúde;
- A luta dos trabalhadores, ao longo da história do capitalismo, forçou e ainda força que o capital, na figura dos empregadores, dêem uma resposta ao cenário da saúde. O próprio capital se preocupa com isso na medida em que necessita da reprodução da força de trabalho. Nesse contexto surgiu a Medicina do Trabalho, e Marcos aponta aqui que os conceitos de Medicina do Trabalho, Saúde Ocupacional e Saúde do Trabalhador não são sinônimos: os três são modelos teórico-metodológicos de atenção a saúde diferentes. Por exemplo, a Saúde do Trabalhador é a única contra-hegemônica, pois proporciona o afloramento, a explicitação, das contradições da sociedade capitalista na qual ela se encontra. Marcos complementa afirmando que a questão de classe não está presente no texto legal do SUS;
- Marcos prossegue e aponta que a origem da Medicina do Trabalho é a Inglaterra, na perspectiva de garantia da manutenção da força de trabalho, ou seja, de “manter os trabalhadores em pé”, em condições de trabalhar. Nesse modelo introduz-se o médico no chão da empresa, em 1848, junto de métodos de seleção de trabalhadores (os mais “aptos”, menos “frágeis”) para contratação e controle da sanidade do empregado na linha de produção;
- Com o passar das décadas, a insalubridade nos meios fabris foi se agravando muito, e o médico é substituído por uma equipe mais ampla e multidisciplinar: surge o modelo da Saúde Ocupacional. Com isso também a preocupação passa a transcender o mero estado de saúde do trabalhador e se preocupa com intervenções no ambiente de trabalho (porém o trabalho continua sendo o objeto);
- Em 1960, tem origem na Itália três grandes avanços, que são a Epidemiologia Crítica, a Medicina Social e a Saúde do Trabalhador, as três de leitura da saúde enraizadas no marxismo. Aqui o trabalhador e os movimentos dos trabalhadores passam a ter voz no processo, estes influenciando diretamente nas discussões de saúde. Os principais preceitos do movimento operário italiano dessa época, em relação a saúde, é: *a saúde não se vende nem se delega a alguém* (protagonismo operário). Os mapas de risco em saúde surgem nas fábricas, realizados por operários ou

acompanhados deles;

- No Brasil, quem produz os mapas de risco são técnicos em saúde, sem acompanhamento dos trabalhadores, e se transformaram em mera formalidade. A Saúde do Trabalhador, formalizada na Lei, transformou-se na prática, aqui no Brasil, em Saúde Ocupacional;
- Marcos aborda o sistema das altas-programadas pela Previdência Social brasileira, e sua deficiência no trato de seres humanos. E como esse corrobora com a *demissão científica* de trabalhadores por parte das empresas. Nas perícias médicas, a regra geral é constituir um verdadeiro “gargalo monstro”, pois não é possível atender todo mundo. Conseguir o afastamento e outros benefícios se transforma em exercício de loteria. Junto dessa problemática, recentemente foi extinta no país a Promotoria do Trabalhador. Marcos termina sua apresentação colocando que um dos grandes problemas na conquista de avanços em Saúde do Trabalhador é que os próprios movimentos dos trabalhadores, em suas ações reivindicativas, se apóiam na própria concepção hegemônica do capitalismo, no mesmo paradigma de saúde do capital (pedindo mais remédios, consultas, profissionais de saúde etc, entre outras paticas).

SÍNTESE DO DEBATE E APONTAMENTOS:

- Bernardo afirma que dois temas prioritários da atual gestão do Sinditest (Sindicato dos trabalhadores em educação do terceiro grau público de Curitiba, Região Metropolitana e Litoral do estado do Paraná) é o assédio moral e a Saúde do Trabalhador. Aponta também que as práticas de seleção de trabalhadores tornou-se exacerbada com o poder de seleção oriundo de estudos genéticos. Bernardo apresenta a questão donexo-técnico-epidemiológico, que são tabelas de doenças relacionadas a campos de trabalho. Bernardo aponta que no Brasil um dos grandes problemas das compensações ao trabalhador em relação a saúde é que o Estado não pressiona as próprias empresas a serem as principais responsáveis pelos danos que causam aos indivíduos. A defasagem das Leis brasileiras é grande, a exemplo da Lei de Insalubridade, que permanece a mesma desde 1940. Nisso, geralmente os laudos são muito mais políticos (no sentido de atendimento de interesses dos empregadores) do que técnico-científicos. Bernardo afirma que o movimento das CIPAs (Comissão Interna de Prevenção de Acidentes de Trabalho) está em refluxo, ao mesmo tempo em que, por exemplo, os movimentos associativistas de portadores de L.E.R. (lesão por esforço repetitivo) está em ascensão;
- Suely aponta que os problemas em saúde mental do trabalhador aumentam progressivamente no Brasil, mas as restrições de atendimentos psicológicos e psiquiátricos gratuitos são muito grandes;
- Marcos coloca que os benefícios de previdência estão cada vez mais restritos e postergados no país, e os processos de degeneração do trabalhador cada vez mais rápidos, principalmente em saúde mental. Nos sindicatos são escassos os coletivos de estudos em relação a Saúde do Trabalhador, e as ações políticas dificilmente superam o foco nas questões de casos individuais, de atendimento individual dos trabalhadores. Marcos expõe a urgência de se pensar a “carga”, o conjunto de riscos associados em saúde para previsão de quadros clínicos. No nexo-técnico-epidemiológico o trabalhador terceirizado não se enquadra em lugar algum. É necessário trabalhos rigorosos de avaliação de como o nexo-técnico-epidemiológico é encarado na prática das empresas, principalmente em relação aos médicos, que consideram-no ruins pelo simples fato de que tira o protagonismo do poder do médico na empresa. Marcos encerra o momento de discussão afirmando que no SUS o foco ainda é na desigualdade e na pobreza (não relacionada a má distribuição de riqueza, e sim a um fatalismo histórico), e não o trabalho. Isso, levado em conta a sociedade capitalista em que estamos inseridos, é muito retrógrado

2) PAUTA DO SEMINÁRIO DO FÓRUM SUL

- Suely repassa que o nosso pedido de substituição do tema “educação em saúde” pelo de “Fundações Estatais de Controle Privado” não foi aceito pelo Fórum Sul, pelo simples fato de já ter sido tema do seminário de 2007. Em relação a escolha de palestrantes, a direção permite a escolha de um membro por mesa para cada estado (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul);
- No mais, o encaminhamento foi muito parecido com o da reunião passada: avaliar posteriormente todas as variáveis políticas e práticas em relação ao Fórum Sul e encaminhar a decisão de sediar ou não o seminário, que não é obrigatório.

3) AFASTAMENTO DO SERVIDOR TÉCNICO BERNARDO PILOTTO DO HC-UFPR

- Bernardo Pilotto, que também Constitui o FOPS-PR, expõe seu caso, que pode ser melhor conferido no Anexo 1. O Anexo 2 apresenta um modelo de carta de apoio a Bernardo e ao próprio FOPS-PR, visto que o fato político que referenciou seu afastamento foi constituir uma atividade do FOPS-PR (distribuição de panfletos e diálogo com usuários em 07/04/2008, Dia Internacional de Luta pela Saúde).

RECOMENDAÇÃO DE LEITURAS, FILMES E OUTROS MATERIAIS

ZOLA, Émile Édouard Charles Atoine. **Germinal**. (livro sobre as condições de trabalho de uma mina de carvão francesa, na década de 1860. A história culmina em greve dos carvoeiros.)

Sobre mecanização do trabalho, exigências de produtividade, Saúde Ocupacional, Saúde do Trabalhador e saúde mental do proletariado: A classe operária vai ao paraíso, filme dirigido por Elio Petri (1971); **Tempos Modernos**, filme dirigido e estrelado por Charles Spencer Chaplin.

Germinal, filme dirigido por Claude Berri (1981), baseado na obra de Emile Zola.

Sobre opressão na sociedade capitalista e Saúde do Trabalhador: O homem que virou suco, filme dirigido por João Batista de Andrade (1980).

SÍTIOS RELACIONADOS:

Mais sobre as CIPAs:

http://www.bauru.unesp.br/curso_cipa/1_legislacao_sobre_cipa/2_informacoes_sobre_cipa.htm

ANEXO 1

Hospital de Clínicas da UFPR persegue os trabalhadores e aqueles que defendem a Saúde Pública!

No último dia 17 de abril, o Sinditest-PR (Sindicato dos Trabalhadores em Ensino Superior Público, que agrega trabalhadores da UFPR, UTFPR e FUNPAR/HC) foi surpreendido pela notícia de que um dos diretores do sindicato, Bernardo Pilotto, que trabalha na Central de Agendamentos do HC-UFPR foi colocado "à disposição", ou seja, foi afastado do seu local de trabalho. A Central de Agendamentos recebe, por dia, cerca de 1800 usuários do Hospital de Clínicas, que são recebidos por 40 funcionários, dentre eles Bernardo Pilotto. Como sabemos, o atendimento ao público no sistema de saúde é sempre precário, e a realidade é que sempre se precisam mais funcionários e não menos, ou seja, não faz sentido afastar um trabalhador desta área.

Na conversa com a coordenadora de atendimentos externos foram alegados motivos "técnicos" para o afastamento, especialmente a existência de reclamações dos usuários contra o servidor. Porém, não foram demonstradas provas por escrito destas reclamações. Deve-se entender também que todos os servidores recebem reclamações e elogios, e com Bernardo Pilotto não é diferente, recebendo também vários elogios pelo seu atendimento, o que nunca significou qualquer premiação, e portanto não deve ser motivo único para alguma punição. Se há dúvida quanto à qualidade do atendimento, deve ser feito um processo mais criterioso de avaliação, e não apenas basear-se em supostas reclamações não demonstradas.

Um dia depois, em conversa com a chefe dos recursos humanos do HC, presenciada por outros servidores, ficou mais claro que o afastamento tinha motivações políticas, e servia como represália ao panfleto distribuído no dia 7 de abril, de autoria do Sinditest-PR, que chamava os usuários e trabalhadores do SUS a lutarem por seus direitos de saúde pública de qualidade. Sendo assim, não temos dúvidas que estamos diante de um caso de perseguição política contra aqueles que defendem os direitos dos que trabalham e dos que usam o Sistema Único de Saúde. O HC prefere retirar do Setor de Agendamentos os servidores que desejam lá trabalhar, quando vários servidores querem sair de lá, por não agüentarem o trabalho naquele ambiente. Devemos dizer que existem servidores que de fato pediram afastamento por condições de saúde, cansaço, etc. Não é o caso do Bernardo Pilotto, que deseja continuar no seu posto de trabalho. Ao invés de priorizar a saúde de seus funcionários, o HC prefere alimentar o assédio moral e constranger aqueles que participam do sindicato.

Vale lembrar também que este não é um fato novo: em 2007, o servidor Ernani Boreli, que trabalhava na portaria, foi afastado da função depois de ter "dado entrevistas na Band que contrariaram o diretor do Hospital". Trata-se de uma das diversas declarações dadas por servidores à imprensa, em referência à greve que acontecia naquele momento. O afastamento de Ernani, e agora o de Bernardo Pilotto, institucionalizam a lei do silêncio no HC, em que é proibido falar das filas e dos problemas no atendimento do hospital.

Também não é a primeira represália ao servidor Bernardo Pilotto: em 2007 veio à mídia a notícia do tamanho das filas para o atendimento no HC. O usuário que vai ao HC muitas vezes leva 30 meses, 40 meses e até mesmo 70 meses para ser atendido nas especialidades deste hospital. A administração do HC-UFPR considerou que a informação do tamanho das filas é "sigilosa", e o fato dos números aparecerem na mídia indica que algum servidor "vazou" a informação. Atribuíram a culpa do vazamento ao Bernardo. No entanto, é evidente que estes dados não são sigilosos, e deve-se considerar que qualquer cidadão que tenha acesso à informação deve priorizar a divulgação da verdade, e não o acobertamento dos sérios problemas da administração do patrimônio público. Bernardo Pilotto sofreu processo administrativo pelo simples fato de ter falado a verdade e a direção do HC perdeu o processo, que foi arquivado por falta de provas.

Começamos aqui uma campanha pela recolocação do servidor Bernardo Pilotto na Central de Agendamentos e chamamos todos aqueles que não tem medo de falar a verdade, que não se omitem ao fato dos usuários do HC terem de esperar mais de um ano pela maioria das consultas, que não aceitam imposições injustas das chefias, a se somarem nesta luta.

ANEXO 2

Modelo de moção de apoio ao servidor técnico do Hospital de Clínicas Bernardo Pilotto, e repúdio a direção do hospital pelo seu afastamento

Exigimos imediata reintegração do servidor Bernardo Pilotto na Central de Agendamentos do Hospital de Clínicas da UFPR. Não aceitamos qualquer tipo de perseguição e ataque a liberdade de organização e atuação sindical. Sabemos que também que este afastamento significa uma tentativa de amedontrar o Sinditest-PR, por conta do trabalho que vem fazendo em defesa da saúde pública e do projeto histórico do SUS, sempre em conjunto com o FOPS – Fórum Popular de Saúde.

Entendemos este ataque dentro de um contexto mais amplo de criminalização do movimento social, onde metroviários são demitidos em São Paulo, militantes do MST são assassinados em todo

o Brasil (em especial no Paraná), estudantes são multados por conta de ocupações de Reitorias (inclusive na UFPR) ou pela luta do Passe-Livre, trabalhadores da FOSFERTIL são proibidos de entrarem em seus locais de trabalho, entre outros, além da nova lei de greve, que na prática proíbe as greves.

Não podemos nos calar diante deste ataque. Nossa resistência e nosso repúdio ajudam a impedir que os poderosos, ou aqueles que hoje ocupam cargos no poder, continuem seus ataques aos trabalhadores.

Por conta do exposto acima, reafirmamos a exigência de que o servidor Bernardo Pilotto seja reconduzido ao trabalho na Central de Agendamentos do Hospital de Clínicas da UFPR e que cessem as retaliações contra as justas manifestações dos servidores, para que se reestabeleça as mínimas condições de diálogo e debate dentro da instituição.